

## Amazônia brasileira, de novo a um passo da internacionalização

\* Sálvio Montenegro

O momento que ora estamos atravessando requer muita atenção! Todos os brasileiros devem ficar atentos, principalmente nós amazônidas. O megaempréstimo sem aval, que o FMI - Fundo Monetário Internacional, juntamente com os países ricos estão premiando o Brasil, na ordem de US\$ 41,5 bilhões, em forma de hipercheque especial assinado em branco, tem que ser visto com certa preocupação e cautela, não só pela volumosa quantia como também, por sua transparência e agilidade.

É possível que com o advento do Euro, a nova moeda adotada por onze países componentes do Mercado Comum Europeu - MCE, que entrou em circulação neste princípio de ano, para fazer frente ao dólar norte-americano, coadjuvado pelos ataques especulativos dos investidores externos que perturbam o Brasil desde setembro passado e mais, a sua condição de líder da América Latina e do Mercosul, tenham induzido os Estados Unidos a tomar esta forte medida de proteção.

Sabemos que se o Brasil quebrar, as conseqüências certamente provocarão o chamado efeito dominó, levando consigo, de roldão todos os países da América Latina, atingindo também de forma drástica os mercados financeiros norte-americano e europeu.

Observemos que pela primeira vez na história contemporânea, presenciamos tão grande benevolência neste sentido, pois, nem a decadente Rússia com o seu poderio nuclear ameaçador; hoje mergulhada no caos econômico, foi ou está sendo beneficiada assim.

Note-se que as únicas condições impostas ao governo brasileiro são: a) - realização do "Ajuste Fiscal" e das contas públicas, com cortes previstos em cerca de US\$ 28 bilhões nos seus gastos. b) - prestação de contas trimestrais sobre nossas reservas financeiras ao FMI.

A meu ver isto pode desaguar em mais uma tentativa de concretização dum velho sonho dos Estados Unidos, que é o de ocupação da Amazônia Brasileira a grande cobiça internacional (parafrazeando aqui o saudoso historiador amazonense Arthur César Ferreira Reis).

Lembremo-nos que a Amazônia, por ser possuidora das maiores reservas de recursos hídricos (bacia de água doce, fauna e flora aquática), de minerais (petróleo, gás, ouro, ferro, nióbio, cassiterita e etc. ...) e vegetais (leia-se floresta tropical, madeiras nobres e biodiversidade) do planeta, cujo o seu valor transformado em dólares torna-se uma quantia incalculável, serve de garantia real e segura, não só para fazer frente a este megaempréstimo, como também de toda a nossa dívida externa contraída no passado.

Os governadores indistintamente, nesta hora crucial deverão demonstrar patriotismo, colocando seu amor à Nação acima dos estados e municípios, rejeitando com firmeza a idéia de secessão, já que tais medidas, se tomadas, como num passe de mágica provocarão uma verdadeira catástrofe, deixando o Brasil em situação insustentável perante a comunidade financeira internacional.

No atual mundo globalizado, não cabe espaço para atitudes impensadas e irresponsáveis dessa natureza, parta de quem partir, mesmo de ex-presidente, sob pena até de enfrentarmos uma indesejável e tardia secessão.

Se as medidas impostas pelo FMI, braço alongado do G-7 (Grupo dos sete países mais ricos), não forem atingidas, motivadas por incompetência do governo federal ou pela falta de apoio do Congresso e/ou dos governadores, abriremos espaço aos Estados Unidos nosso credor maior e atualmente o único policial e senhor absoluto do planeta Terra, para reunir o Conselho de Segurança da ONU - Organização das Nações Unidas e comunicar tal acontecimento.

A alegada fragilidade na defesa e preservação da Amazônia Brasileira, será a gota d'água que levará o nosso credor maior, com ímpeto bater o martelo, decretando num ato de força e prepotência a sua anexação aos Estados Unidos da América, justificando ao mundo ser esta a única forma de ressarcir o seu imenso crédito.

Diante dessa situação, pergunta-se: como iremos nos opor a tamanha medida de força? Observemos que tal atitude, pouco custará aos Estados Unidos em termos de deslocamento de tropas para a ocupação deste continente verde, pois, do outro lado de nossas fronteiras aqui na Amazônia, em cidades pouco habitadas porém situadas em pontos estratégicos, existem várias pistas de pouso intencionalmente concebidas, construídas e quem sabe por eles financiadas, apropriadas para receber grandes aviões de transportes de tropas e armas.

Esta afirmação não é novidade para as pessoas bem informadas que residem ao longo da região fronteira, a qual poderá ser confirmada facilmente pelos órgãos de imprensa, para tanto, basta verificarem in-loco. Possível motivo até para uma ampla reportagem de grande repercussão.

Para facilitar mais ainda essa pretensa missão armada, o caudaloso rio Amazonas com sua condição de navegabilidade perene, será capaz de receber navios de guerra, propiciando um bloqueio naval por quaisquer das frotas da Armada Americana, despejando em poucas horas milhares de marines devidamente treinados para o combate em florestas tropicais.

Se porventura tal fato ocorrer, não será novidade para aqueles que acompanham a nossa história, pois será a 4ª (Quarta) tentativa nesse sentido. A título de ilustração, não

custa nada transcrevermos abaixo em poucas palavras as 3 (três) tentativas anteriores de ocupação, todas graças a Deus, infrutíferas:

1. A 1ª (primeira) tentativa deu-se com a Revolução Acreana, vitoriosa no princípio do século (24.01.1903), quando caiu por terra o alinhado arrendamento das plagas acreanas, na ocasião reconhecida por direito como território boliviano, ao condomínio anglo-americano chamado Bolivian Syndicate. Se tivessem conseguido tal intento, estariam até hoje ali fincados e certamente com a sua área territorial já expandida por toda a Amazônia Brasileira. Vislumbrando tais intenções o grande herói e líder revolucionário, o gaúcho de nascimento, jovem filho do município de São Gabriel, chamado José Plácido de Castro, de origem e formação militar, fez desse pressentimento a sua bandeira de luta. Baseado nisso, é que o saudoso médico e escritor amazonense Cláudio de Araújo Lima, num lampejo de visão, deu ao seu livro, uma das mais belas e completas páginas sobre a Revolução Acreana, o título de: "Plácido de Castro, um caudilho contra o imperialismo". Vale a pena ler essa obra histórica.

2. A 2ª (Segunda) tentativa aconteceu na metade dos anos 60 (sessenta), quando o mago da economia americana à época, chamada Herman Khan com sua meia tonelada de peso e estupidez, apresentou a indecorosa proposta de construção do grande lago na Amazônia a qual receberia o nome de Lago Hudson. Melhor detalhando, uma grande barragem à altura do Estreito de Óbidos seria erguida, fazendo submergir sob suas águas a grande floresta tropical, extinguindo fauna e flora juntamente com as reservas minerais, justificando a sua preservação como herança a ser deixada para as futuras gerações (certamente gerações deles países ricos, e não a nossa brasileira). Todavia, três ilustres brasileiros heroicamente se opuseram a tão maluca e estúpida idéia que, por incrível que pareça já era notícia na imprensa mundial. O nosso muito obrigado aos senhores, Dr. Arthur César Ferreira Reis, ex-governador do Amazonas, general Afonso de Albuquerque Lima, cearense de boa cepa e ministro do Interior àquela época (Pasta ministerial extinta) e ao grande general Rodrigo Octávio Jordão Ramos que tanto serviço prestou à Amazônia. Faz-se necessário registrar o pensamento, hoje lema do GEC - Grupo de Engenharia e Construção, com sede em Manaus, de autoria deste último como prova de sua determinação: "Árdua é a missão de desenvolver e defender a Amazônia. Muito mais difícil, porém, foi a de nossos antepassados em conquistá-la e mantê-la".

3. A 3ª (terceira) tentativa registrou-se no princípio desta década, com o badalado evento denominado Eco-92, realizado na cidade do Rio de Janeiro, com o patrocínio do governo brasileiro quando as ONGs - Organizações Não-Governamentais internacionais juntamente com as ONGs nacionais, iriam propor naquele fórum a criação e preservação oficial das Nações Indígenas da Amazônia com espaço territorial demarcado, ou seja, esses espaços (reservas) deixariam de ser soberania nossa e passariam ser nações independentes. Uma proposta verdadeiramente absurda. Para a nossa sorte, surgiu a figura de um indígena que iria ser eleito pelas citadas ONGs, o semideus das florestas, porém, por ironia do destino, o falatório silvícola ao deparar-se com uma mulher branca (professora de seus filhos), em lugar furtivo, não resistiu a tentação da carne como todo ser mortal, e tendo como conivente a sua própria mulher chamada Irekrã, praticou estupro na pessoa daquela (crime capitulado no Código Penal Art. 213). Tal ato acabou com a deslavada pretensão daquelas ONGs de tentar internacionalizar a Amazônia Brasileira. Obrigado Paulinho Paikan, (O pretenso semideus, deixou de ser festejado pela mídia e pelas ONGs, hoje condenado pela Justiça dos Brancos, envergonhado sumiu, embrenhando-se nas florestas do anonimato). Hoje, somos gratos pelo seu gesto criminoso.

A Amazônia brasileira com sua extensão continental deve ser cuidada e levada mais a sério por parte dos poderes constituídos, haja vista dos projetos para a criação do Ministério da Amazônia, estão relegados ao esquecimento, certamente engavetados nos gabinetes em Brasília.

Atualmente estamos subordinados ao eclético Ministério do Meio Ambiente que sempre teve no seu comando, pessoas que não a conhecem e nem entendem dos seus problemas e necessidades. A versatilidade em tratar de seca no Nordeste e ao mesmo tempo lidar com a Amazônia é visivelmente incompatível, isto, sem contar com os objetivos da despoluição do rio Tietê em São Paulo e da Bacia da Guanabara no Rio de Janeiro.

O sonhado Ministério da Amazônia trataria exclusivamente dos interesses desenvolvimentista e protecionista da Região Amazônica, utilizando para tanto, órgãos como a Sufrema e Sudam que passariam à sua subordinação. Outra conotação importante seria o de disciplinador e mentor de nova legislação específica que se faz tão necessária.

Que este grito entalado nas nossas gargantas se desprenda e, ainda em tempo seja ouvido por aqueles que possam nos socorrer, pois, não desejamos num futuro próximo, obrigado pelas circunstâncias, adotar a cidadania de "Amazônida - cidadão norte-americano".

\* O autor é advogado no Amazonas.